

O Surto das Ideias Republicanas no Algarve (1876-1910) através da Imprensa¹

Fátima Almeida Pires

Mestre em História do Algarve pela Universidade do Algarve

Introdução

A afirmação das ideias republicanas na sociedade portuguesa, fase conhecida como de propaganda, constitui um dos períodos mais estudados na História de Portugal. O centenário da implantação da República, que se comemorou em 2010, em muito contribuiu para esse facto. A nossa investigação consistirá no surto das ideias republicanas no Algarve, no período de 1876-1910. Seguiremos a evolução dessas ideias, as lutas nacionais pela sua afirmação e a forma como os republicanos algarvios se posicionaram face a esses combates. Procuraremos dar a conhecer o projeto político dos republicanos algarvios, revelado através da imprensa de propaganda, que atuava em consonância com os Centros Republicanos. Como afirmou Brito Camacho, no jornal *A Lucta*, "havia republicanos federalistas e unitários; parlamentaristas e presidencialistas; conservadores e liberais; descentralizadores na ordem administrativa e centralizadora até à tutela do município. Com respeito às relações do Estado com a Igreja, senão sob tutela, no menos sob a imediata e direta fiscalização do Estado, e havia os que reclamavam um regime de separação como veio a decretá-lo, mais tarde a França, sem renunciar à supremacia do poder civil" (cit. Leal, 2008:17).

A Imprensa de propaganda Republicana Algarvia na Monarquia Constitucional

Em Lagos, em 9/9/1868, foi fundado o primeiro jornal republicano, do Algarve, *Echo do Algarve*. Pelos números que nos foi possível consultar, verificamos que se tratava de um jornal republicano, que sem ser um periódico de propaganda, fazia uma defesa clara, embora tímida desse ideal, numa fase em que o republicanismo ainda era uma ideia incipiente na sociedade portuguesa, como se verifica pelo excerto da notícia: "o partido² liberal democrático e republicano organiza-se e agita-se por toda a parte vamos pois a esta obra da regeneração que vai nela o futuro do país" (*Echo do Algarve*, nº 32, 11/4/1869:1-2). Manifestava a sua

¹ O trabalho que a seguir se apresenta resulta da dissertação de mestrado, com o mesmo título, defendida na Universidade do Algarve, em dezembro de 2012, sob orientação dos profs. Doutores António Paulo Oliveira e António Rosa Mendes. O texto integral da tese aborda outras matérias, não incluídas no presente artigo, nomeadamente, "A estratégia de implantação do PRP", "As questões políticas na imprensa regional" e "A cultura republicana na imprensa regional".

² O conceito de partido aparecia, frequentemente, aplicado a um conjunto de pessoas que partilhavam um ideal e não a um grupo político organizado.

crença no futuro de uma Europa republicana, pois considerava que "a monarquia está provada, e está julgada na Europa. O partido republicano, no meio das hesitações monárquicas, não pode deixar de fazer conquistas" (*Echo do Algarve*, nº 27, 7/3/1869:1).

A opção republicana do *Echo do Algarve* aparecia, porém, ainda envolta em contradições, visíveis quando se tratava de abordar a possível reunião das coroas, portuguesa e espanhola, sob o monarca D. Fernando. Perante esta hipótese, defendia que, "nestas circunstâncias a aceitação do sr. D. Fernando podia ser-nos útil, de preferência a outro qualquer monarca" (*ibidem*). A desilusão, porém, foi grande, perante a renúncia de D. Fernando, como se constata no excerto: "(...) que prefere as doçuras da vida doméstica aos cuidados inerentes ao duro ofício de reinar" (*Echo do Algarve*, nº 32, 11/4/1869:1).

O primeiro semanário de propaganda republicana fundado no Algarve seria *A Folha Democratica*, em Lagos, em 1883. Em 1886, era, por sua vez, fundado em Tavira *A Província do Algarve*³, folha republicana, e em 1887, por encerramento deste, *O Combate*, ambos dirigidos por Roque Faria.

É sabido que a imprensa republicana teve dificuldades em sobreviver durante a Monarquia. No Algarve, o Governador Civil de Faro, representante do poder monárquico, devido a uma "onda de calúnias", suscitou o assalto à tipografia do *Echo do Algarve* (Mesquita, 2010:7). A edição saía, deste modo, atrasada e por vezes com uma única folha de duas páginas. Em consequência dos ataques, o jornal teve que encerrar em 23/5/1869.

A crise aberta na sociedade portuguesa com o Ultimato e a Bancarrota tornou a imprensa republicana particularmente aguerrida contra a Monarquia e os seus representantes. A tentativa falhada de implantar a República, a 31 de janeiro de 1891, provocou o desnorte no seio do PRP o que, associado aos limites impostos à liberdade de imprensa, fizeram decair o número de periódicos republicanos. A perseguição foi particularmente forte nos meses de fevereiro e março de 1891 (Prefácio de Jorge Couto *in* Sá e Rêgo, 2011:21).

Em Olhão, em fevereiro de 1891, o Administrador do Concelho, Manoel Reis Fonseca, suspendeu o semanário republicano *O Porvir*, dirigido por Gustavo Cabrita⁴. Tal facto não invalidou que o mesmo fundasse outro semanário republicano, em março de 1891, agora designado *O Futuro*. *O Porvir*, cujo lema era "Direito, Liberdade, Humanidade"⁵, desde a sua fundação que contava com a

³ Apesar de ser editado em Tavira, *A Província do Algarve* dirigia-se aos republicanos algarvios e estava ao serviço de uma estratégia de organização regional do Partido Republicano. O projeto foi anunciado aquando da vinda dos membros do diretório do PRP ao Algarve, em 1884, apesar disso, só se concretizou em 1886. Não nos foi possível concluir se cumpriu com as regras definidas pelo Conselho Provincial, devido aos poucos números existentes na Biblioteca Nacional, no entanto, consideramos que o facto de ter sido suspenso devido a conflitos com o Regimento de Caçadores 4 indicia o contrário.

⁴ Por morte de Roque Faria, em abril de 1889, de uma pneumonia, em Tavira.

⁵ Este já havia sido o lema do jornal *O Combate* dirigido igualmente por Roque Faria em Tavira até 1888.

je "a monarquia
, no meio das
to do Algarve, nº

n, ainda envolta
vel reunião das
, Perante esta
Fernando podia
esilusão, porém,
no excerto: "(...)
ao duro ofício de

no Algarve seria
vez, fundado em
or encerramento

i em sobreviver
epresentante do
salto à tipografia
, atrasada e por
dos ataques, o

e a Bancarreta
Monarquia e os
a 31 de janeiro
limites impostos
republicanos. A
março de 1891

ncelho, Manoel
ido por Gustavo
outro semanário
vir, cujo lema era
contava com a

os e estava ao serviço
aquando da vinda dos
6. Não nos foi possível
números existentes na
litos com o Regimento

desconfiança do Administrador do Concelho, Gualdino Mendonça, que através de exigências ⁶ "pretende amordaçar a imprensa" (*O Porvir*, nº 10, 30/12/1888: 2). Esta desconfiança prendia-se com a querela entre o comandante do Regimento de Caçadores 4, "aquele malfadado regimento" (*O Porvir*, nº 8, 16/12/1888:2) de Tavira e Roque Feria, proprietário de *O Combate*. Um primeiro episódio deste conflito levava ao encerramento de *A Província do Algarve* em 1887 (Mendonça, 2006b:187). Como referiu Roque Feria em *O Porvir*, não foram estas razões que determinaram o fim de *O Combate*. Partilhámos esta afirmação, consideramos que o projeto de *O Combate* estava exausto em 1888, devido ao radicalismo das posições adotadas por Roque Feria, facto que ele próprio testemunhou: "vimos e escrevemos réplicas que nos levaram a cortar relações com homens de cuja amizade nos orgulhávamos; fomos prejudicados como poucos pela guerra surda, vil e hipócrita que injustamente se nos moveu" (*O Porvir*, nº 9, 24/12/1888:1).

Uma das querelas foi de tal forma violenta que, como afirmou em *O Porvir*, "o negregado criminoso [Roque Feria] para não ficar ferido na vista pelos olhares do chagal [o comandante da unidade, coronel Rodrigues] mudou de residência ausentando-se de Tavira onde residia há vinte anos" (*O Porvir*, nº 9, 24/12/1888:1). Na sequência do segundo processo, Roque Feria seria condenado a dois meses de prisão e a uma multa de 200 réis por dia durante um ano, por referir-se, segundo o seu próprio testemunho, à "vontade despótica do excelentíssimo comandante" (*O Porvir*, nº 17, 17/2/1889:1). Ficamos com reservas se teria sido apenas esta afirmação que conduziu à condenação, já que confirmámos outras bem mais violentas no jornal. Roque Feria, por sua vez, apesar de se ter transferido para Olhão, continuava a denunciar as prepotências da unidade militar de Tavira. Vejamos alguns exemplos:

- Vexame dos músicos de 3ª classe com detenções nos calabouços; ordem de dispersão aos oficiais que conversavam amigavelmente; promessa de promoção a segundos cabos aos soldados que "tiverem manas cujos olhares tenham fascinado a sua excelência"; pernoita dos sargentos junto de cabos e soldados; repreensão por se queixarem das repreensões de capitães em frente de cabos e soldados; promessa de transferência de supostos republicanos; repreensões a supostos autores de artigos do jornal (*O Porvir*, nº 8, 16/12/1888:2).

A perseguição movida à imprensa não impediu o aumento significativo do número de jornais de propaganda republicana, entre 1903 e 1907, à medida que o descrédito da Monarquia aumentava (Prefácio de Jorge Couto *in* Sá e Rêgo, 2011:24). Não foi o caso do Algarve, devido à fraca atividade republicana neste período na região, onde o PRP só viria a reorganizar-se a partir de 1906.

Digno de nota é o facto de, na Lei de Imprensa de João Franco, se proibir, no art.º 36, "sob pena de desobediência abrir subscrições públicas para despesas

⁶ As exigências prendiam-se com um registo criminal isento de condenações. Roque Feria tinha um processo em curso, movido pelo comandante do Regimento de Tavira, de que resultaria uma condenação em 1889.

relativas a processos criminais, seus incidentes e respetivas cauções" (*Diário do Governo* de 11/4/1907). Na realidade, uma rede de solidariedade levava a que o PRP aproveitasse para transformar os julgamentos em verdadeiras manifestações políticas, pondo os seus quadros ao serviço dos camaradas alvo de perseguição pelas autoridades. No Algarve, *O Porvir* dava conta, em 1889, da enorme afluência ao tribunal para assistir à defesa de Roque Faria, por Manuel de Arriaga. *O Povo Algarvio* também noticiava as extraordinárias manifestações, aquando da deslocação do advogado e deputado do PRP, Alexandre Braga, em abril de 1910, em Lagos, para defender Roberto Berger Cabral, num processo movido por "um republicano, rendido há anos à monarquia, e que como renegado é dos piores inimigos que tem o partido republicano"⁷ (*O Povo Algarvio*, nº 32, 16/4/1910:1). O jornal descrevia o ambiente no tribunal: "logo que as portas se abriram foi a sala tomada de assalto ficando completamente apinhada de espetadores ansiosos de ouvir o discurso do grande advogado (...) acompanhou depois em aclamações delirantes, do tribunal ao hotel e deste ao centro republicano" (*ibidem*).

A cena repetiu-se em Loulé, aquando do regresso do mesmo advogado, em junho, para defender graciosamente, desta vez o diretor de *O Povo Algarvio*, Paulo Madeira, num processo movido pelo padre José Pedro. Apesar da chegada tardia do comboio de Lisboa, esgotaram os carros de aluguer em Loulé e S. Brás. No tribunal compareceu gente de todo o Algarve (*O Povo Algarvio*, nº 39, 4/6/1910:1).

A abertura do regime com D. Manuel II e o restabelecimento da liberdade de imprensa permitiram que os jornais republicanos voltassem a fazer a sua propaganda. Ao mesmo tempo, dirigentes políticos republicanos, que se encontravam presos, foram libertados, o que permitiu retomar uma intensa atividade jornalística.

Nesta conjuntura, ressurgiu em Tavira o jornal *Provincia do Algarve* (outubro de 1908), como órgão de propaganda republicana, dirigido por Silvestre Falcão e com José de Arriaga como redator principal⁸. Em Loulé surgia, em 1909, o semanário republicano, *O Povo Algarvio*, fundado por Paulo Madeira.

Nos últimos 30 anos da Monarquia Constitucional publicaram-se, no Algarve, 7 semanários de propaganda republicana: *A Folha Democrática* (1883), em Lagos, tendo Salazar Moscoso como redator principal; *A Provincia do Algarve* (1886/87) e *O Combate* (1887/88) em Tavira dirigidos por Roque Faria; *O Porvir* (1889/91), em Olhão, dirigido por Roque Faria e Gustavo Cabrita; *O Futuro*

⁷ Curiosa é a forma de *O Povo Algarvio* fazer jornalismo. Inicialmente noticiou o processo contra José Berger, pai do verdadeiro acusado, movido pelo padre João Henriques. Afinal, o processo era contra o filho e movido por um correligionário republicano.

⁸ Este jornal assumiu-se como herdeiro do outro de 1886/7, não só através da manutenção do nome, como pelo conteúdo formal. Efetivamente, o *Provincia do Algarve* era um jornal vocacionado para a propaganda, recorrendo para isso a artigos doutrinários na primeira página; primou pela verdade, não recorreu a artigos "insultantes" e a ataques pessoais.

uções" (*Diário do*
e levava a que o
as manifestações
o de perseguição
enorme afluência
Arriaga. *O Povo*
s, aquando da
em abril de 1910,
movido por "um
do é dos piores
, 16/4/1910:1). O
abriram foi a sala
ores ansiosos de
em aclamações
em).

mesmo advogado,
O Povo Algarvio,
esar da chegada
Loulé e S. Brás.
Algarvio, nº 39,

ento da liberdade
a fazer a sua
icanos, que se
intensa atividade

íncia do Algarve
ido por Silvestre
rgia, em 1909, o
a.
ublicaram-se, no
rática (1883), em
íncia do Algarve
Feria; *O Porvir*
abrita; *O Futuro*

tra José Berger, pai do
filho e movido por um

o do nome, como pelo
propaganda, recorrendo
lgos "insultantes" e a

(1891/1909), em Olhão, dirigido por Gustavo Cabrita; *O Povo Algarvio* (1909), em Loulé, dirigido por Paulo Madeira; *Província do Algarve* (1908), em Tavira, dirigido por Silvestre Falcão (Mesquita, 1989: *passim*).

De todos os periódicos de propaganda republicana, *O Futuro* seria o que atingiria maior longevidade no período da Monarquia Constitucional, no Algarve, e durante largos anos, o único na região, só terminando com a morte do diretor em 1909. Atravessando mesmo o período de perseguição feroz à imprensa.

Dos dois jornais de propaganda republicana existentes em 1910, *O Povo Algarvio* era fortemente combativo, mas sem a consistência ideológica do *Província do Algarve*. Fortemente anticlerical, não se apoiava numa linha filosófica para explicar as suas opções ideológicas que se traduziam, por esta razão, em ataques pessoais. Veja-se a este respeito o seguinte excerto: "convencidos de que o padre em questão [padre José Pedro] não é mais do que um safado urinol, onde todos os cães do clericalismo vão levantar a perna e verter as águas sujas com que tentam salpicar-nos, avisamos enojados, tal criatura que se o encontrássemos lhe escarrávamos na cara" (*O Povo Algarvio*, nº38, 28/5/1910:1). Não se ficando pela ameaça, a verdade é que o diretor do jornal, num encontro com o padre, passou das palavras aos atos e uma sucessão de escarros, bengaladas e ameaças com arma de fogo, valeram-lhe um processo com três acusações. Apesar da defesa pelo "eminente republicano e glória da advocacia portuguesa", (*O Povo Algarvio*, nº16, 5/9/1909:2), o reputado Alexandre Braga, e do Juiz ter saudado o deputado que "honrou o tribunal com a sua presença", (*ibidem*) a verdade é que "o valente e honesto diretor do Povo Algarvio" (*ibidem*), Paulo Madeira, seria condenado pelo crime de posse de arma sem licença.

Noutros casos, a tentativa de *O Povo Algarvio* para justificar as opções ideológicas revelava um posicionamento muito primário, como se verifica no excerto: "as mulheres, sobretudo, deviam ser todas republicanas. E principalmente, as que já são mães! Numa república, todas as mães, por mais obscuras que elas sejam, podem legitimamente aspirar a ver seus filhos ascendidos ao lugar de supremo representante da nação" (*O Povo Algarvio*, nº46, 30/7/1910:1).

Apesar da atividade jornalística republicana desde o primeiro momento, os republicanos algarvios não tiveram, porém, igual destaque entre os "grandes" de Lisboa, ao longo da fase de propaganda. Nos almanaques republicanos entre 1908-10, as notícias sobre o Algarve eram escassas. Este facto parece-nos explicável pelo aumento significativo da atividade republicana do país, na última fase da Monarquia Constitucional. Como demonstrou Barracosa Mendonça, não foi por falta de influência dos algarvios ao nível das esferas dirigentes do partido. O Algarve teve maior visibilidade no contexto da ideologia republicana em Portugal na década de 80, do que nas vésperas da implantação da República. As posições radicais de Roque Feria trouxeram protagonismo para o Algarve que, por essa circunstância, foi várias vezes referenciado pelos jornais da capital. Por exemplo, em 1884, *O Século*

publicava uma coluna com um apelo do candidato Jacinto Nunes dirigido, especificamente, aos cidadãos eleitores do círculo 94 - Tavira (*O Século*, nº 1052, 14/6/1884:2). As divisões, o apelo à abstenção pelos radicais nas eleições que se avizinhavam e as dificuldades em constituir um Centro republicano justificaram essa atenção. Em 1888, Roque Faria constatava que os jornais *O Combate* e *O Radical* eram os que mais representavam as ideias radicais no país (*O Combate*, 27/9/1888:1). Em 1899, o almanaque *A Victoria da Republica* dedicou-lhe uma biografia, como fez relativamente a outros grandes vultos do republicanismo como Magalhães Lima, Rodrigues de Freitas e Py y Margal (*A Victoria da Republica*, 1890:81-84). *O Almanach do Século*, publicou, igualmente, uma biografia de Emiliano Parreira. O Algarve teve, inclusivamente, honras de ser referido pelo periódico *Pontos nos II* de Rafael Bordalo Pinheiro, ainda que ridicularizando *O Porvir*, designado de *Provir*. Roque Faria constatava, com amargura⁹, a chacota do correligionário Bordalo Pinheiro, acerca da notícia da morte do cangalheiro Cristóvão Machado: "faleceu no dia 24 este nosso simpático conterrâneo, um dos homens que, em funerais, mais serviços tinha prestado aos seus patricios" (*Pontos nos II*, 31/1/1889:38).

Na realidade, o republicanismo no Algarve tinha expressão na década de 80. Em 1886, tinha 23,8%¹⁰ dos centros republicanos existentes fora de Lisboa, para uma população de 4,5%¹¹ do total do país. Se excluirmos as cidades de Lisboa e Porto, essa percentagem subia para 29,4%. Era a terceira província do país em número de centros republicanos, a seguir à Estremadura e ao Douro Litoral. A segunda, a seguir à Estremadura, em termos de rácio por habitante. No que respeita ao número de centros com bibliotecas ou gabinetes de leitura, na década de 80, verificava-se que o Algarve apresentava 3 com essas valências: Tavira (1884), Silves (1886) e Loulé (1889). Estes representavam metade de todos os existentes fora de Lisboa, nesta década¹² e 13% dos centros existentes em Portugal que prestavam serviços desta natureza às populações.

Na década de 80, o PRP depositava grandes esperanças no Algarve e esperava que viesse a desempenhar um papel notável no movimento de regeneração da pátria. Em 1884, *O Século* vaticinava, na sequência da visita dos 3 membros do diretório, que "dentro de um ano o Algarve será inteiramente republicano (...)" (*O Século*, nº 1187, 20/11/1884:1). Esta adesão à causa republicana devia-se, na opinião daquele jornal, ao abandono a que o Algarve se encontrava votado pelos governantes.

⁹ Roque Faria revelava-se um homem derrotado face à ironia do correligionário. Este facto resulta, certamente, de se encontrar no final da vida (viria a falecer em abril), desgastado por diversas lutas políticas e pessoais que o haviam levado, inclusivamente, a mudar-se para Olhão.

¹⁰ A partir dos dados fornecidos pelo Almanaque *A Victoria da Republica*, 1887, p. 14.

¹¹ Dados do censo de 1890: População portuguesa – 5 049 729; População algarvia – 228 635.

¹² Os restantes eram Évora, Cacilhas e Estarreja.

o Nunes dirigido, ra (*O Século*, nº s nas eleições que ilicano justificaram s *O Combate* e O país (*O Combate*, dedicou-lhe uma ublicanismo como *ória da República*, uma biografia de ser referido pelo ridicularizando O jura⁹, a chacota do ngalheiro Cristóvão), um dos homens os" (*Pontos nos ii*,

ção na década de es fora de Lisboa, cidades de Lisboa víncia do país em o Douro Litoral. A te. No que respeita na década de 80, ias: Tavira (1884), todos os existentes s em Portugal que

ções no Algarve e no movimento de ncia da visita dos 3 será inteiramente adesão à causa a que o Algarve se

Por sua vez, em 1910, o Algarve encontrava-se entre as 7 províncias com menor número de centros republicanos do país, equiparado a Beja, Guarda, Leiria, Portalegre, Viana do Castelo e Ilhas. Era ultrapassado por Aveiro, Braga, Coimbra, Évora, Lisboa, Porto, Santarém, Vila Real e Viseu (Ribeiro, 2011:47). Pela mesma altura, o Algarve seguia a regra do país em termos de Comissões Municipais Republicanas: 60% no Algarve para 57% do país. Como constatou Lia Ribeiro, as Comissões Municipais eram órgãos destinados à propaganda e militância, pelo que eram menos complexos e de mais fácil implantação do que os centros (*ibidem*). A chegada da linha de caminho-de-ferro a Faro, em 1889, contribuiu para desmobilizar os descontentes da Monarquia¹³.

A descentralização das ideias republicanas

Félix Nogueira foi o mestre que lançou as raízes do republicanismo em Portugal, que se animou com a revolução espanhola de 1868. Na década de 70, o movimento ganhou com o contributo de muitos intelectuais. Este mesmo facto pode ser testemunhado no Algarve, através da publicação do periódico *Echo do Algarve*, em Lagos em 1868, que seguiu, atentamente, os acontecimentos no país vizinho. A fixação de Roque Faria, de origem espanhola, em Tavira, nesta altura, contribuiu, igualmente, para a dinamização das ideias republicanas no Algarve.

A fundação do *Centro Republicano Democrático* de Lisboa, em 1876, levou a que se iniciasse a propaganda e a descentralização (Catroga, 2010:35-42). A adesão ao novo centro foi grande¹⁴ e em agosto, foi enviada uma carta-circular para "os amigos" da província, no sentido de se organizarem centros republicanos, à imagem de Lisboa (Catroga, 2010:27).

O *Jornal dos Artistas* de Portimão divulgou a sua adesão aos ideais propostos pelo centro de Lisboa, em 22 de junho: "o desenvolvimento gradual e pacífico das ideias democráticas nas instituições do país e, em evolução do natural futuro, o estabelecimento da República em Portugal" (*Jornal dos Artistas*, nº 33, 22/6/1876:2).

O "amigo" do Algarve, contactado pelo recente *Centro Republicano Democrático*, foi, assim, Gomes Leal, diretor do *Jornal dos Artistas*, com vista a "promover a organização de centros para o mesmo fim em todas as províncias" (*ibidem*). Este contacto foi feito através de Roque Faria, pois este sugeriu

¹³ *O Seculo* dava conta do descontentamento dos algarvios face ao isolamento a que estavam votados e questionava o investimento na linha de caminho-de-ferro em Espanha (2700 contos), com vista a aproximar-nos da Europa, quando o Algarve se encontrava "criminosamente" abandonado. Por outro lado, o imposto lançado sobre o sal agravou o descontentamento dos pescadores, o que pode explicar a sua disponibilidade para receber os republicanos em 1884. No comício de Oihão, estiveram cerca de 5000 pessoas. Na Fuzeta não se realizou o *meeting* previsto, por proibição das autoridades (*O Seculo*, nº1187, 20/11/1884:1). Apesar de admitirmos o exagero dos números, não deixamos de registar a disponibilidade dos algarvios para receber os membros do diretório do PRP.

¹⁴ Catroga refere cerca de 500 adesões (Catroga, 2010:26).

informação privilegiada, como correspondente, uma semana antes de o jornal veicular o conteúdo da carta nas suas colunas regulares¹⁵.

Pela leitura do *Jornal dos Artistas*, concluímos que o objetivo dos republicanos de Lisboa era a unificação de todos os descontentes com a Monarquia, sob o seu ideal (*Jornal dos Artistas*, nº 33, 22/6/1876:3). Efetivamente, os monárquicos descontentes, também participaram nesta reunião, bem como alguns socialistas, seduzidos pela ideia republicana, entre os quais o algarvio João Bonança.

A adesão de Gomes Leal ao projeto foi imediata: "abraçamos a ideia como se fora nossa e envidaremos todos os nossos esforços, como até hoje temos feito, em auxílio da Propaganda Democrática" (*Jornal dos Artistas*, nº 33, 22/6/1876:2). Pôs em prática, inclusivamente, uma estratégia de concretização do pedido: "As comissões que temos organizadas na maior parte dos concelhos do país desde a criação desta folha com o fim de representarem perante a sua redação os interesses da classe obreira se organizem em centros democráticos," (*Jornal dos Artistas*, nº 33, 22/6/1876:2).

O *Jornal dos Artistas* manifestava a sua adesão ao projeto, contudo não escondia os seus propósitos: defesa dos interesses dos operários. Era um jornal operário, defensor do associativismo e cooperativismo, na linha do socialismo proudhoniano. Apesar de conhecer as propostas do socialismo revolucionário, considerava que a humanidade ainda não estava preparada para que a revolução lhe fosse proveitosa (*Jornal dos Artistas*, nº 4, 2/12/1875:1). O *Jornal dos Artistas* funcionava como o farol dos clubes de artistas¹⁶ na região, o seu orientador ideológico. A República, por si só, não o satisfazia.

A ideia republicana penetrava no Algarve com uma estratégia organizativa, pela mão dos artistas, dirigidos por algumas figuras de relevo que militavam nessa área. Em Tavira, o comerciante Roque Faria, um republicano radical, adepto da "República Social", portanto em sintonia com o *Jornal dos Artistas*, chamou a si essa tarefa com uma dedicação fora de comum.

A Criação do Club Democrata Progressista de Tavira

Em 27 de abril de 1876 formou-se, em Tavira, o *Club Democrata Progressista*. Este centro tem levantado alguma discussão entre os estudiosos da matéria. Catroga, por exemplo, identifica um centro republicano em Tavira e situa a

¹⁵ Uma carta assinada por Roque Faria, correspondente do jornal em Tavira, noticiou a intenção de formar clubes republicanos na província, uma semana antes do *Jornal dos Artistas* divulgar a estratégia e o apelo de Lisboa (*Jornal dos Artistas*, nº 32, 15/6/1876:3).

¹⁶ Os clubes de artistas tinham em vista a defesa dos interesses dos artesãos. Eram, no entanto, constituídos por pessoas de diferentes quadrantes profissionais.

antes de o jornal

o objetivo dos
com a Monarquia,
Efetivamente, os
bem como alguns
o algarvio João

amos a ideia como
é hoje temos feito,
nº 33,22/6/1876:2).
ção do pedido: "As
s do país desde a
ação os interesses
ial dos Artistas, nº

o projeto, contudo
rios. Era um jornal
lha do socialismo
no revolucionário,
a que a revolução
Jornal dos Artistas
o seu orientador

tégia organizativa,
ie militavam nessa
radical, adepto da
chamou a si essa

ressista de Tavira

Club Democrata
os estudiosos da
m Tavira e situa a

sua formação, juntamente com outros 8 centros¹⁷ fora de Lisboa, na sequência da carta enviada aos "amigos da província", em agosto, pelo diretório do *Centro Republicano Democrático* (Catroga, 2010:27). No mesmo sentido, Barracosa Mendonça identificou esse possível centro com o *Club Democrata Progressista* e reconheceu que alguns dos seus fundadores, como Roque Faria, viriam a ser conhecidos pela militância republicana (Mendonça, 2006b:184-185).

O *Século* noticiou, em primeira página, na rubrica "Efemérides do Movimento Democrático Português", a inauguração em Tavira de "uma associação intitulada *Club Democrata Progressista*, cujos fundadores eram, na sua maioria, indivíduos que professavam as ideias republicanas" (*O Século*, nº 396, 27/4/1882:1). Esta mesma efeméride seria assinalada posteriormente, pelo *Almanach do Século*¹⁸: "inaugura-se em Tavira uma associação democrática denominada *Club Democrático Progressista*" (*Almanach do Século*, 1887:31). Em 1893, o *Almanach a Batalha* repetiria a notícia, exatamente nos termos do *Almanach do Século* (*A Batalha*, 1893:138).

Apesar de a constituição do *Club Democrata Progressista* ter ocorrido, quase em simultâneo, com os primeiros clubes republicanos da província, o *Jornal dos Artistas* informava-nos de que a sua formação surgira por desavenças internas, de carácter ideológico, no seio do *Club Artístico Tavirense*, consumadas na sequência de um baile de carnaval. Um grupo liderado por Roque Faria acusou alguns colegas e a direção de desprezo pela educação dos operários, que, na sua ótica, só se interessava por aquilo que trazia trabalho aos artistas (*Jornal dos Artistas*, nº 16, 24/2/1876:3).

Na verdade, o *Club Artístico* morreu e o grupo de dissidentes formou uma nova sociedade, o *Club Democrático Progressista*. A sua finalidade seria de "civilizar, instruir e recriar os sócios" (*Jornal dos Artistas*, nº 22, 26/4/1876:3), no espírito do associativismo e cooperativismo, ideais pelos quais pugnava o *Jornal dos Artistas*. Esta formação ocorreu em 27 de abril de 1876, um mês e meio após a reunião da rua do Alecrim e dois meses antes de ter sido ensaiada a descentralização republicana para o Algarve. Não deixa de ser um facto que, apesar de ter surgido anteriormente à estratégia implementada pelo *Centro Republicano Democrático* de Lisboa, o *Club Democrata Progressista* de Tavira enquadrava-se no plano equacionado pelo *Jornal dos Artistas* para responder ao apelo de descentralização dos republicanos de Lisboa. Na linha ideológica do referido jornal, propunha-se instruir os artistas numa cultura de associativismo e cooperativismo¹⁹.

¹⁷ Os outros centros formaram-se em Alcântara, Porto, Setúbal, Coimbra, Vila Real, Grândola, Figueira da Foz e Angra do Heroísmo (Catroga, 2010:27).

¹⁸ A notícia pretendia assinalar a data da constituição do Clube, 6 anos depois.

¹⁹ Roque Faria viria a assumir a sua opção radical/federalista nos jornais que dirigiu: o cooperativismo representava a faceta económica do federalismo político/administrativo isto é, sendo o indivíduo um ser naturalmente societário, o cooperativismo surgia como o autogoverno de base das federações económicas. Como afirmou Antero de Quental citando Proudhon, tratava-se de "pôr em harmonia a política com a economia" (Quental, 1982:215).

ntenção de formar clubes
gia e o apelo de Lisboa

entanto, constituídos por

Um "Obreiro Democrata" congratulava-se pela constituição de uma cooperativa de ferreiros que levou todos os ferradores a casa de José João do Carmo Vieira (*Jornal dos Artistas*, nº 37, 20/7/1876:3). Esta, na opinião do correspondente, "foi o fruto que um dos ramos de indústria da minha terra [Tavira] colheu com a leitura do seu *Jornal dos Artistas*" (*ibidem*). Em setembro de 1876, era a vez de se formar uma *Sociedade Livraria*, com Gabinete de Leitura, iniciativa de "cinco moços novos" (*Jornal dos Artistas*, nº47, 28/9/1876:3). Em novembro de 1876, formava-se uma cooperativa de consumo de tabaco, mas o objetivo era alargar a outras áreas. As inscrições de sócios eram em casa de Roque Faria.

O novo clube, *Democrata Progressista*, pretendia pautar a sua intervenção "longe de uma política nefasta que tão dividida e mal quista traz à maioria dos Tavirenses entre si" (*Jornal dos Artistas*, nº 22, 6/4/1876:3). A ausência de propósitos de intervenção política foi contrariada pelos artigos anteriores à constituição do Clube, onde foi defendido, pelo correspondente Um "Obreiro Democrata", a necessidade de um compromisso político dos artistas com o grande partido revolucionário que defendia a emancipação da classe operária (*Jornal dos Artistas*, nº 5, 9/12/75:3). Pacheco Pereira, nos seus estudos, constatou a frequência do envolvimento político dos clubes de artistas e das divisões provocadas: "embora a posição oficial do associativismo fosse a independência política e partidária, os ativistas do movimento embarcavam com frequência no canto de sereia dos políticos, o que era uma das fontes dos conflitos frequentes entre associações" (Pereira, 1981:143).

A 15 de junho de 1876, Roque Faria assinava um artigo no *Jornal dos Artistas* onde clarificava a sua opção política, dava conta das divisões existentes no seio dos artistas e das dificuldades para os instruir: Por fim, declarava que, "pessoa competentíssima assegurou-me que se trata de organizar nesta cidade [Tavira] um centro que tem por fim propagar as ideias democráticas, porém, por ora nada mais posso assegurar a tal respeito; mas se assim for, ele que venha, que a luz é sempre necessária para os que marcham incertos nas trevas" (*Jornal dos Artistas*, nº 32, 15/6/1876:3).

Como se depreende da notícia, a criação desse outro centro não se podia confundir com o *Club Democrata Progressista*, a não ser que alguns membros de um eram os promotores do outro. A tentativa de politização do clube esbarrou na divisão dos artistas, o que levou alguns associados a aderir à criação de um novo centro, em junho, fiel aos ideais republicanos. A sua constituição, sob a forma de *Associação Livraria*, seria noticiada a 28/9/76, "disfarçada" entre a cooperativa de ferreiros e uma futura cooperativa de tabacos, como se se tratasse de mais uma sociedade. Esta foi a forma encontrada para responder ao apelo de Lisboa.

No ano que se seguiu, houve períodos de silêncio de "Um Obreiro Democrata", que o próprio constatou: três intervenções contra as 18 no ano anterior. Estas não se pautaram por qualquer compromisso político de caráter republicano:

stituição de uma
de José João do
a, na opinião do
sua terra [Tavira]
de 1876, era
sua, iniciativa de
Em novembro de
as o objetivo era
Roque Feria.

a sua intervenção
raz à maioria dos
) A ausência de
igos anteriores à
ente Um "Obreiro
stas com o grande
perária (*Jornal dos
statou a frequência
vocadas: "embora
ca e partidária, os
to de sereia dos
entre associações"*

tigo no *Jornal dos
isões existentes no
arava que, "pessoa
cidade [Tavira] um
por ora nada mais
que a luz é sempre
dos Artistas, nº 32,*

centro não se podia
alguns membros de
clube esbarrou na
riação de um novo
ão, sob a forma de
e a cooperativa de
lasse de mais uma
de Lisboa.

o de "Um Obreiro
18 no ano anterior.
caráter republicano:

um incêndio²⁰ e o andamento do associativismo em Tavira que, como voltava a constatar, continuava a não ter a adesão dos artistas.

A missão estava cumprida, estava dado o primeiro passo para a constituição de uma associação republicana em Tavira, aproveitando para isso as estruturas do *Club Democrata Progressista*, à imagem da Livraria que Carrilho Videira mantinha em Lisboa: local de encontro e discussão ideológica. A estas valências acrescia a instrução, com um *Gabinete de Leitura* que viria a ser uma característica dos centros republicanos no final da Monarquia Constitucional. Os propósitos políticos dissimulados da *Associação Livraria* não passaram despercebidos aos tavirenses e os "risos" da população foram constatados por "Um Obreiro Democrata".

Não nos restam dúvidas do aproveitamento do *Club Democrata Progressista* para fins políticos republicanos socialistas, por parte de um grupo de sócios, onde se incluíam, pelo menos, Roque Feria e os "cinco moços novos", que acreditamos serem os mesmos que constituíram uma cooperativa de tabacos. A nova *Sociedade Livraria*, sob designação de *Livraria Central*, girava sob a firma RF&C²¹. Estava, assim, cumprida a estratégia do *Jornal dos Artistas* de utilizar os correspondentes locais para a descentralização republicana.

No final, o *Club Democrata Progressista* não se comprometeu com o projeto republicano. No primeiro aniversário, o Presidente deu, inclusivamente, Vivas à Monarquia, conforme noticiou o correspondente sob o anonimato das iniciais M.R. Em simultâneo, o Presidente da Direção manifestava a sua esperança de que todos os sócios, e em especial os operários, acabassem de vez com aquilo que classificou como "niquices". O Presidente fazia questão de afirmar, publicamente, a pluralidade política do *Club Democrata Progressista*, para que não se confundisse com um clube republicano.

Em 1884 nascerá, em Tavira, um outro centro, com propósitos republicanos claros, onde militará Roque Feria que manterá a fidelidade a alguns dos princípios que defendeu no *Club Democrata Progressista* de defesa dos operários, da "República Social", ou seja, a fação radical, federalista e socialista, a "esquerda"²² republicana, apesar do reacender das divergências agora, entre republicanos.

Em Tavira Roque Feria e mais tarde, na década de 80, Emiliano Parreira, como afirmou o jornal *O Futuro*, "atearam vigorosamente o fogo vivificador da democracia" (*O Futuro*, nº 770, 3/10/1907:1). Foram "dois beneméritos que ao partido prestaram serviços relevantíssimos, à custa de sacrifícios muito penosos" (*ibidem*).

²⁰ Roque Feria esteve ligado à fundação da corporação de Bombeiros de Tavira e foi o seu primeiro presidente.

²¹ Roque Feria e Companhia.

²² Os republicanos socialistas intitulavam-se na imprensa da época como a esquerda republicana.

No *Almanach do Mundo* foi, igualmente, referenciado, mais do que uma vez, a morte em 1886 do eminente republicano Dr. Francisco Emiliano Parreira, pelo seu destacado empenho à causa do associativismo (*Almanach de O Mundo*, 1909:19). Efetivamente, Emiliano Parreira viria a ser o primeiro Presidente do *Centro Republicano de Tavira* em 1884 e Vice-presidente do Conselho Provincial do PRP.

A organização partidária republicana no Algarve

A partir da década de 80, o republicanismo pôde apropriar-se de uma retórica nacionalista²³ que perduraria até final da Monarquia e da ideia que só a República poderia recuperar a grandeza colonial. Na verdade, a ideia de uma República nacionalista e defensora das colónias passou a ser um elemento fundamental da propaganda. Como legendou Rafael Bordalo Pinheiro uma sua caricatura no jornal *António Maria* sobre o acontecimento, "Camões agradece aos altos poderes do estado não terem ido à sua procissão e terem-no feito republicano com o que muito ganhou a ideia" (Oliveira [no prelo], 2011: 8).

O êxito das comemorações de Camões e Pombal e a derrota que isso significou para a Monarquia fizeram multiplicar os centros republicanos pelo país. No Algarve, o almanaque *A Victoria da Republica* de 1887 registava cinco centros, enquanto o *Almanach Republicano* referenciava 31 centros em Lisboa e afirmava que já haviam sido muitos mais. A redução ficou a dever-se a lutas internas entre moderados e radicais, as fações que persistiam entre os republicanos na década de 80 (*Almanach Republicano*, 1887:81-85). Essas lutas ideológicas também tiveram expressão no Algarve, com a intervenção de Roque Faria, representante da fação radical, adepta do federalismo, da "República Social", da revolução como via de acesso ao poder, em alternativa à via eleitoral/evolucionista. O *Combate*, em Tavira, era o jornal que dirigia e que representava esta fação.

É um facto que Lagos se antecipou a Tavira na organização de um centro republicano. A resposta atrasada de Tavira (1884) prendia-se com as lutas entre os republicanos locais. A desconfiança relativamente aos trabalhos do Congresso de 1883, manifestada por Carrilho Videira e que pudemos testemunhar no *Almanach Republicano* (1885:32-37) refletiu-se em Tavira, onde existia cumplicidade entre Roque Faria e a fação radical de Lisboa, o que o levou a reagir em sintonia com aquela. As lutas ideológicas dos centros de Lisboa tiveram a sua expressão em Tavira.

²³ Apesar de se apropriarem da retórica nacionalista, os republicanos não a inventaram, pois a defesa das colónias passou a integrar a agenda de todas as forças políticas, mesmo as monárquicas, a partir do último quartel do século XIX. Os progressistas já haviam levantado a questão da Concessão Paiva de Andrade em dezembro de 1878 (Fernandes, 2007: 223).

ais do que uma
ino Parreira, pelo
h de O Mundo,
idente do Centro
vncial do PRP.

cana no Algarve

priar-se de uma
a ideia que só a
a ideia de uma
er um elemento
nheiro uma sua
es agradece aos
feito republicano

derrota que isso
ros pelo país. No
a cinco centros,
isboa e afirmava
as internas entre
os na década de
também tiveram
entante da fação
ção como via de
bate, em Tavira,

ção de um centro
as lutas entre os
lo Congresso de
iar no *Almanach*
mplicidade entre
em sintonia com
a expressão em

a defesa das colónias
ltimo quartel do século
m dezembro de 1878

"Desmoulin", correspondente de *O Século*, a respeito da constituição do *Centro Republicano de Tavira*, constatava que, "já não é sem tempo e hoje mais do que nunca, se faz sentir a falta de união que se nota entre os republicanos desta localidade" (*O Século*, nº 1109, 21/8/1884:3). Esta formação do *Centro Republicano em Tavira* não constituiu, como se comprova pelo excerto apresentado, a união dos militantes, uma luta entre os republicanos da "velha guarda", da linha radical de Roque Faria e os "novos" republicanos, da linha moderada, adepta dos meios evolucionistas. É neste contexto que entendemos o incentivo dirigido aos republicanos do Círculo 94 de Tavira, por Jacinto Nunes, no jornal *O Século*, cujo objetivo era recordar-lhes a verdadeira luta contra o inimigo comum, a Monarquia, ao mesmo tempo que apelava à necessidade de votar: "cremos que compreendereis bem o que tendes a fazer e não deixareis de fazer uso do direito de votar" (*O Século*, nº 1052, 14/6/1884:2).

Os republicanos de Lagos responderam desde o primeiro momento ao apelo do partido. Mesmo antes da ratificação pelo Congresso das propostas da Assembleia de Delegados dos centros de Lisboa (1883), formava-se o *Centro Eleitoral Democrático Lacobrigense* (1882) e em janeiro de 1883, o primeiro jornal de propaganda republicana algarvio, *A Folha Democrática*. Afirmava *A Folha Democrática*: "precisamos de formar centros próprios ou sucursais do centro principal em todas as cidades e vilas do Algarve onde um número maior ou menor de cavalheiros professe as ideias firmes e convictas dos verdadeiros republicanos decididos" (*A Folha Democrática*, nº 7, 1/3/1883:2). Os republicanos de Lagos antecipavam-se, assim, ao Congresso de 1883 e trabalhavam, sob uma aparente união, pela disseminação do ideário republicano no Algarve.

Os republicanos de Lagos mostravam-se em sintonia com a fação moderada do *Clube Henriques Nogueira*, os de Tavira mostravam-se desunidos, alinhando parte deles com a fação radical/federalista, descrente dos meios evolucionistas, reunida em redor de Carrilho Videira. Apesar das divergências, a fação de Carrilho Videira acabaria por aderir ao apelo do *Clube Henriques Nogueira*. Os republicanos de Tavira conseguiram, finalmente, tal como os de Lisboa, uma aparente unidade, consumada na constituição de um centro, em 1884, cujo primeiro Presidente foi o conceituado médico republicano, Emiliano Parreira²⁴.

²⁴ Emiliano Parreira tinha 66 anos à data da constituição do clube. Era um médico de Loulé, em exercício de atividade em Tavira desde a epidemia de cólera que afetou a cidade, portanto, uma pessoa conceituada na terra, quer pela profissão quer pela idade. O próprio médico sobreviveu três vezes à doença. Pelo que se depreende, tinha a seu favor o facto de ser de fora da localidade, o que lhe dava, certamente, algum distanciamento das lutas políticas e pessoais alimentadas por Roque Faria. Não nos restam dúvidas que Emiliano Parreira foi a solução consensual que permitiu a constituição do Clube Republicano de Tavira: tinha a confiança do partido que o aceitou para Vice-presidente do Conselho Provincial; tinha o apoio dos radicais, de tal forma que foi elogiado por Gustavo Cabrita em *O Futuro* (*O Futuro*, nº 770, 3/10/1907:1). Finalmente, podemos atestar que, após a sua morte em 1886, o Clube Republicano de Tavira desfez-se, tendo-se reativado as lutas internas entre moderados e radicais. O ano de 1887 caracterizou-se pelo reacender das divergências alimentadas pelo jornal *O Combate*. Porque teria Emiliano Parreira a confiança dos radicais e em simultâneo dos moderados/evolucionistas? Teria sido Emiliano Parreira O

Estava superada a fase do clubismo e o estádio protopartidário do PRP. Nessa vertente de ideias, o PRP tornava-se um partido moderno, com uma direção, uma linha política, um crescente empenho eleitoral (Catroga 2010:38) e iniciava uma estratégia nacional. Este facto não invalidava, porém, a persistência de divergências.

Na sequência dos trabalhos do Congresso do PRP, em junho de 1883, ocorreu a vinda dos quadros do partido ao Algarve, Magalhães Lima, Anselmo Xavier, José Jacinto Nunes, entre 7 e 17 de novembro de 1884. De acordo com os estudos de Barracosa Mendonça, a viagem já estivera agendada por diversas vezes, mas não se concretizara devido às dificuldades de acesso à região²⁵ (Mendonça, 2010:2). Em Lagos, ficaram alojados em casa de José António Bourquin Braklamy, o presidente do recém-formado Centro Republicano daquela cidade, colega de curso de Magalhães Lima.

A vinda dos quadros republicanos ao Algarve, apenas em 1884, quando estava prevista desde o congresso de 1883, deveu-se às divergências dentro do PRP, que afetaram, igualmente, os republicanos da província. Foi preciso esperar pela cedência dos radicais à unificação proposta pelo *Clube Henriques Nogueira*, para que se atuasse em consonância com uma estratégia partidária nacional. Os clubes republicanos de Tavira e Olhão só se conseguiram formar em agosto/setembro de 1884, o que justificou a deslocação dos quadros do partido em novembro. O centro de Tavira só aprovou os estatutos a 3 de novembro de 1884. Esta nossa interpretação pode ser suportada no propósito da deslocação: “assistir à inauguração de diferentes clubes” (*O Século*, nº1176, 7/11/1884:1).

Penicheiro, correspondente do *Jornal dos Artistas*, que saiu em apoio de Roque Faria na conspiração penicheira? Teria Emiliano Pereira estado ligado ao Club Democrata Progressista? *O Almanach do Século*, por altura da sua morte, referiu que, estivera ligado à fundação do Montepio Artístico Tavirense e que se dedicou “às associações”, sem especificar (*Almanach do Século* para 1887:121). No entanto, o jornal *O Século* também constatava, por contraste ao grande acolhimento da população de Tavira aos membros do diretório por ocasião da sua visita ao Algarve que, na década precedente, havia um único republicano na cidade: Roque Faria (*O Século*, nº 1181, 20/11/1884:1).

²⁵ Pudemos constatar que havia carreiras regulares de barco a vapor de Lisboa ao Algarve. Uma das carreiras, inaugurada em 1876, realizava-se duas vezes por mês, com saídas no dia 1 e 14, com paragens em Lagos, Portimão, Faro, Olhão, Tavira e Vila Real de Santo António. Os custos variavam entre os 7 mil e 500 réis para Lagos e os 9 mil réis para Vila Real de Santo António, para um bilhete de 1ª classe. A viagem demorava uma semana (*Almanach Republicano*, 1878:16). Com a linha de comboio até Beja (1864), o tempo de viagem foi bastante reduzido para quem quisesse viajar para o sotavento algarvio, mesmo assim, era um facto testemunhado pelo jornal *O Heraldo*, o acesso difícil ao Algarve. Quem viesse de Lisboa teria que atravessar o Tejo *no vapor*, seguidamente prosseguia de comboio até Beja, onde chegava às 11 horas da noite e esse facto implicava dormir nesta cidade. No dia seguinte, faria a viagem até Mértola, 12 léguas de carro de mular ou diligência, dependendo das posses. Ao chegar a Mértola, havia que tomar o *barco* até Vila Real de Santo António. Ao Domingo não havia vapor, pelo que era necessário programar a viagem a pensar nesse inconveniente. Como referia *O Heraldo*, o Domingo era destinado “ao descanso das quilhas, das águas e naturalmente da tripulação” (*O Heraldo*, nº 1442, 27/3/1910:1-2). A partir de 1889, foi inaugurada a linha Beja – Faro.

rtidário do PRP.
om uma direcção,
8) e iniciava uma
persistência de

junho de 1883,
Lima, Anselmo
e acordo com os
da por diversas
esso à região²⁵
António Bourquin
daquela cidade,

m 1884, quando
ências dentro do
preciso esperar
riques Nogueira,
ria nacional. Os
am formar em
os do partido em
embro de 1884.
cação: "assistir à

Por ocasião da sua vinda, houve, então, comícios em Olhão, Lagos, Silves e Boliqueime²⁶. Em Faro não se realizou qualquer *meeting*, alegadamente, por falta de tempo. Na Fuzeta, apesar de estar previsto um *meeting* e da adesão da população, o administrador do concelho proibiu-o. Em Tavira, a reunião de inauguração do centro foi dissolvida pelo administrador do concelho e no dia previsto, apesar do quartel se encontrar de prevenção, o comício não se realizou, sob pretexto de que os republicanos pretendiam içar a sua bandeira no castelo (*O Século*, nº 1181, 13/11/1884:1).

A equipa que veio ao Algarve pretendeu dar um sinal de unidade, evidenciando a diversidade de opiniões dentro do PRP. Jacinto Nunes representava a facção mais moderada dentro do PRP, vindo, mesmo, a propor, em 1887, a aliança com a esquerda dinástica de Barjona de Freitas²⁷ (Freitas, 2011:71). Magalhães Lima, pelo contrário, sendo um federalista convicto, merecia a confiança dos radicais, entre eles de Carrilho Videira que o elogiou no *Almanach Republicano* (*Almanach Republicano*, 1883:155). Anselmo Xavier foi um dos fundadores de *O Século* que integrava frequentemente a equipa que se deslocava pelo país.

Na pretendida unidade republicana, cabiam não só Roque Feria, mas em simultâneo os moderados correligionários de Lagos, Salazar Moscoso, a quem o radical chegou a chamar "o renegado" e a acusar de perseguidor do PRP quando foi administrador do concelho, e José António Bracklamy (*O Porvir*, nº 12, 13/1/1889:2).

Em resumo, pode constatar-se que, no Algarve, na década de 80, formaram-se os seguintes centros republicanos: *Centro Eleitoral Democrático Lacobrigense* (Lagos - 1882); *Centro Republicano de Tavira* (1884); *Associação Eleitoral e Escolar Democrática 18 de Junho de 1808* (Olhão - 1884); *Centro Republicano de Faro* (Faro - 1884); *Associação Democrática Silvense* (Silves - 1884); *Centro Republicano de Portimão* (Portimão - 1887); *Cooperativa Instrução Popular* (Loulé - 1888) (Mendonça, 2007:135).

As lutas internas no PRP – o radical Roque Feria

Em 1890, uma notícia biográfica que assinalava a morte de Roque Feria, ocorrida em abril de 1889, afirmava: "O partido republicano deve imensos serviços a este honesto carácter a esta alma franca a este evangelizador sincero (...) Era por vezes mais do que um apóstolo chegou a tornar-se fanático dos princípios republicanos (...) Roque Feria entendia que a discussão, embora entre soldados do mesmo partido, era sempre proveitosa e mais útil, do que a obediência cega, a sujeição incondicional. Não entendeu assim um grande número de

²⁶ O comício de Olhão teve a participação de 5000 pessoas e o de Lagos de 4000, números certamente exagerados, mas que nos sugerem uma recepção calorosa dos algarvios aos dirigentes republicanos.

²⁷ Esta proposta teve a veemente oposição de Manuel de Arriaga e seria derrotada no Congresso de dezembro de 1887.

inspiração penicheira?
culo, por altura da sua
licou "às associações",
mbém constatava, por
asição da sua visita ao
a (*O Século*, nº 1181,

re. Uma das carreiras,
paragens em Lagos,
e 500 réis para Lagos
emorava uma semana
e viagem foi bastante
stemunhado pelo jornal
o vapor, seguidamente
ormir nesta cidade. No
endo das posses. Ao
havia vapor, pelo que
raldo, o Domingo era
1442, 27/3/1910:1-2).

correligionários, e Roque Faria teve de sofrer diversas agressões, foi alvo de uma guerra bastante acintosa. No entanto, tudo o que ele disse, tudo o que ele escreveu, tem sido pouco a pouco confirmado pelos factos; e o partido tem aceitado a maior parte das indicações que Faria formulou no combate " (*A Victoria da Republica*, 1890:81-84). Uma das maiores guerras foi movida pelo comandante do Regimento de Tavira, devido à acusação da transferência de dois sargentos, por terem periódico republicanos (Guerreiro, 2010:29).

Efetivamente, desde 1888 que Roque Faria se ausentara de Tavira para fundar, em Olhão, o periódico republicano *O Porvir*, em parceria com Gustavo Cabrita. Terminou o jornal *O Combate* (1887/88), tal como o *Centro Republicano de Tavira* que deixou de ser mencionado no almanaque *A Victoria da Republica* de 1889. Assim, apontamos o ano de 1888 para a desativação do *Centro Republicano de Tavira*²⁸ e a "fuga" do radical Roque Faria para Olhão. Carrilho Videira relatou-nos, por outro lado, as lutas internas que afetavam os clubes e centros republicanos, consumadas no III Congresso realizado em agosto de 1887. Entre os radicais encontravam-se Carrilho Videira, Teixeira Bastos, Virgílio Crespo, Heliodoro Salgado, Borges de Azevedo, entre outros. A atividade de Roque Faria a favor da causa radical era reconhecida e assim o descrevia o almanaque *A Victoria da Republica*: " Foi um dos mais distintos apóstolos dos princípios radicais. Revolucionário por índole, Roque Faria pertenceu a essa falange de republicanos, descrentes dos meios evolucionistas e que pretendem que o partido seja não uma simples agrupação eleitoral, mas sim um grupo revolucionário, que, pela sua energia e coerência, constitua uma ameaça constante para com as instituições vigentes" (*A Victoria da República*, 1890:83). Estas lutas internas monopolizaram, quase em exclusividade, as colunas de *O Combate* durante este período e Roque Faria recorria, quase sempre, a textos das figuras mais ilustres do partido, para justificar as suas próprias ideias.

Segundo Carrilho Videira, os radicais apenas pretendiam a consagração das suas propostas num programa aprovado em congresso, onde houvesse uma verdadeira discussão de ideias, enquanto os evolucionistas (adeptos da via eleitoral para chegar ao poder) resistiam à sua elaboração, com vista ao alargamento da base social de apoio e ao triunfo eleitoral (*Almanach Republicano*, 1887:81-85).

A facção moderada era apoiada por Teófilo Braga, Elias Garcia e Jacinto Nunes e considerava que um programa que definisse claramente a marcha dos republicanos serviria para desunir as forças democráticas (Freitas, 2011:75). Manuel de Arriaga, não representando a ala radical do PRP, era um consensual. Por esse

²⁸ Emiliano Parreira, presidente do clube, morreu em 1886, o que deve ter contribuído para a desativação do centro. As lutas ideológicas em *O Combate* refletiam uma radicalização das posições, que não eram favoráveis à unidade. Apesar de não termos tido acesso a um número significativo de exemplares do jornal *A Provincia do Algarve* (1886/87), verificámos uma radicalização do discurso em *O Combate* (1887/88). O reacender das lutas ideológicas ao nível de Lisboa teve reflexos na província, em particular em Tavira, que já tinha evidenciado as divergências em 1876 e, novamente, em 1883/4, aquando da constituição do Clube.

s, foi alvo de uma
que ele escreveu,
aceitado a maior
ria da Republica,
nte do Regimento
entos, por terem

ra de Tavira para
ria com Gustavo
ro Republicano de
da Republica de
entro Republicano
o Videira relatou-
ntros republicanos,
Entre os radicais
respo, Heliodoro
a Feria a favor da
que A Victoria da
ncípios radicais.
de republicanos,
tido seja não uma
i, pela sua energia
ições vigentes" (A
zaram, quase em
o e Roque Feria
ido, para justificar

m a consagração
de houvesse uma
tos da via eleitoral
o alargamento da
1887:81-85).

Garcia e Jacinto
ite a marcha dos
2011:75). Manuel
sensual. Por esse

para a desativação do
não eram favoráveis à
o jornal A Provincia do
O reacender das lutas
já tinha evidenciado as

facto, apresentou ao congresso de 1887 os "Traços Gerais para um Programa Republicano", onde se previa a coexistência das diversas facções e grupos dentro do partido, numa unidade federada (Freitas, 2011:74).

Roque Feria advogava, igualmente, a representação dos centros no diretório nacional, onde sentia que a província não tinha voz: "o Partido Republicano, repetimos como Carrilho Videira, não são o Diretório, os seus diários e os centros da capital. O Partido Republicano é todo esse país que para aí sofre, trabalha e luta" (O Combate, nº 22, 30/8/1887:1). Esta era uma reivindicação de Carrilho Videira desde o congresso de 83. Estes factos levaram os radicais a faltarem ao Congresso de agosto de 1887, o que conduziu à realização de um Congresso extraordinário em dezembro.

Face à derrota das propostas radicais no Congresso de dezembro, O Combate de Roque Feria passou ao ataque, violentíssimo, contra o diretório do Partido Republicano, que acusava de "proceder vilíssimo e jesuítico" (O Combate, nº 39, 27/12/1887:1); de serem "a aristocracia do diretório (...) os senhores do partido (...) os deuses do partido (...) Nós queremos, nós mandamos, eis o credo! Portanto não temos mais do que obedecer. Obedeça quem quiser que nós estamos resolvidos a reagir" (O Combate, nº 46, 14/12/1888:2).

Virgílio Crespo, antes mesmo dos ataques, já havia dirigido uma carta de apreço a Roque Feria: "o periódico que o meu amigo dirige proficientemente e onde advoga com uma tenacidade verdadeiramente digna dos meus aplausos, os princípios radicais que eu também professo (...)" (O Combate, nº 37, 13/12/1887:3). Afinal, como se constata, os grandes da capital reconheciam o esforço dos "esquecidos" da província. No segundo processo movido pelo comandante do regimento de Caçadores 4 a Roque Feria, cujo julgamento ocorreu em 1889, foi Manuel de Arriaga que se dispôs a vir a Tavira defendê-lo²⁹.

A Publicação do programa em 1891 e as dificuldades do PRP (1891- 1903)

O funcionamento interno do PRP foi garantido com a publicação de normas e regras (1873, 1878 e 1886), mas só se pode falar de programa com a publicação de 1891. O novo programa, apesar de vago e de não contemplar as diferentes facções, foi da responsabilidade de Teófilo Braga, Manuel de Arriaga, Homem Cristo, Bernardino Pinheiro, Azevedo e Silva e Jacinto Nunes. Muitos consideraram que o programa foi imposto de forma ditatorial dentro do partido, por um pequeno grupo, sem passar pela sanção da Assembleia Geral. Alguns radicais recusaram-se a reconhecer a sua legitimidade (Freitas, 2011: 75).

²⁹ Apesar da defesa pelo correligionário Manuel de Arriaga, Roque Feria seria condenado a dois meses de prisão e a uma multa de 200 réis por dia, durante um ano. Manuel de Arriaga disponibilizou-se para a defesa de outros correligionários algarvios, no período da Monarquia Constitucional.

O *Futuro* de Gustavo Cabrita, dando seguimento a uma circular do diretório do PRP, anunciava o novo programa: "o Partido Republicano pelo seu Programa de 11 de Janeiro, deixou bem patente que as suas doutrinas são verdadeiramente científicas" (*O Futuro*, nº 6, 19/4/1891:1). Sobre as propostas nem uma palavra. A divulgação do programa por parte deste jornal só ocorreria em 1903, numa altura em que se iniciou a reorganização do PRP a nível nacional (*O Futuro*, nº 556, 2/8/1903:1).

Ao longo de toda a fase da propaganda, e mesmo após a tomada do poder, o programa de 1891 seria quase sempre ignorado. A sua publicação destinou-se a apaziguar as divergências internas, numa fase difícil, em que havia que unir a família republicana.

Os radicais e os moderados continuaram divididos no que tocava às estratégias para alcançar o poder. O *Futuro* afirmava-se representante da facção radical, dando seguimento à linha traçada por Roque Faria, e mostrava-se adepto da via revolucionária, apesar de discordar da abstenção eleitoral proposta pelos radicais. Esta atitude, explicava, era adotada por muitos a nível nacional e não podia ser considerada como contraditória. Gustavo Cabrita mostrava-se menos intransigente nas posições que adotava do que o fizera o seu antecessor, Roque Faria. Foi esta atitude consensual, com uma linguagem moderada, que terá garantido a *O Futuro* uma existência de 17 anos, num período de grandes dificuldades da imprensa, em que era o único periódico de propaganda republicana no Algarve, enquanto os jornais dirigidos por Roque Faria não resistiram mais de 2 anos.

O PRP sentiu-se mesmo com força suficiente para ensaiar a primeira tentativa de golpe revolucionário a 31 de janeiro de 1891. O fracasso levou a prisões e divisões internas que desorganizaram o partido. Iniciou-se um período de quebra de ativismo político, em consequência do desconcerto vivido pelo PRP, o que levou ao encerramento dos centros em Lisboa e na província. O *Futuro* fazia eco do desespero dos republicanos: "não morre, não pode morrer o partido republicano" (*O Futuro*, 7/8/1892:1), no entanto, manifestava a sua descrença: "não descremos da república, descremos dos republicanos de hoje" (*O Futuro*, 25/10/1891, nº33:1). Os republicanos de Lagos, todavia, como nos dava conta este jornal, continuavam ativos, unidos em redor da eleição do candidato Bernardino Pinheiro por este círculo: "trabalham ativamente os republicanos de Lagos que para o efeito [eleição de Bernardino Pinheiro] contam com valiosos e importantes elementos de Portimão" (*O Futuro*, nº 80, 13/9/1892:2).

Como resultado de tudo isto, nas eleições de 1894, no rescaldo do fracassado 31 de janeiro³⁰, o PRP apenas elegeu 2 deputados. No entanto, este discurso de desespero alternou com os sinais de esperança a partir de 1895: "e o

³⁰ Esta situação verificou-se apesar da cúpula do PRP se ter demarcado dos sargentos do Porto e dos poucos oficiais envolvidos no golpe do 31 de janeiro.

ircular do diretório
seu Programa de
verdadeiramente
n uma palavra. A
3, numa altura em
Futuro, nº 556,

tomada do poder,
ção destinou-se a
havia que unir a

o que tocava às
entante da fação
rava-se adepto da
il proposta pelos
cional e não podia
strava-se menos
ntecessor, Roque
derada, que terá
fodo de grandes
janda republicana
sistiram mais de 2

nsaiar a primeira
so levou a prisões
período de quebra
PRP, o que levou
Futuro fazia eco do
do republicano" (O
ão descremos da
)/1891,nº33:1). Os
mal, continuavam
Pinheiro por este
a o efeito [eleição
ntos de Portimão"

no rescaldo do
No entanto, este
partir de 1895: "e o

do Porto e dos poucos

país, creiam-no todos, tem os olhos postos no partido republicano, como que implorando dele a sua regeneração e redenção" (*O Futuro*, nº 194, 3/2/1895:1).

No que respeita ao Algarve, *O Futuro* noticiava as tentativas de reorganização dos centros republicanos em S. Brás e em Estoi (1899) e as tentativas de Silvestre Falcão para reativar o *Clube Republicano de Loulé*, cidade onde exercia medicina em 1897 (*O Futuro*, nº 310, 13/6/1897:1). Lagos era, porém, a única cidade algarvia que continuava com atividade republicana reconhecida. *O Futuro* lamentava -se, em 1899: "em Olhão, onde o partido republicano conta com elementos tanto ou mais valiosos do que em Lagos, porque é que não se tem procedido de igual maneira?" (*O Futuro*, nº 439 24/12/1899:1).

Em 1895, o jornal *A Republica Portuguesa*, fazia o levantamento das Comissões Municipais que se iam formando, indicando para o Algarve as de Lagos e Lagoa. *O Futuro* noticiava, outrossim, a constituição desta última comissão, como a segunda a organizar-se no Algarve. Contudo, Barracosa Mendonça nomeou, para além destas, as de Olhão e Silves (Mendonça, 2007:137-138)³¹.

Para além da desmobilização, os republicanos algarvios ainda se encontravam divididos por quezílias. *O Futuro* lamentava-se: "os republicanos de Lagos que nem o mísero sacrifício anual de 1\$200 reis querem fazer para ajudar a manter o único jornal algarvio do seu partido. Os sacrifícios os tolos que os façam. Os tolos somos nós que há muito os devíamos ter conhecido" (*O Futuro*, nº 208, 19/5/1895:1).

Somos levados a concluir que, na década de 90, faltava uma estratégia regional ao partido. As desconfianças e divisões, particularmente entre os republicanos de Olhão e de Lagos, eram notórias e vinham desde o final da década de 80.

Se o fracassado golpe de 31 de janeiro desorientou o PRP permitiu, igualmente, que se afirmasse uma nova linha ideológica no seu seio, representada pela "geração ativa" de António José de Almeida, Afonso Costa, Magalhães Lima, ou no que respeita ao Algarve, Silvestre Falcão, José Pires Padinha, Zacarias Guerreiro, Estêvão Vasconcelos e outros. O declínio do PRP durou, na opinião de Oliveira Lopes, até 1903, quando António José de Almeida regressou de São Tomé e Bernardino Machado aderiu ao partido. Esta mesma ideia foi-nos veiculada por *O Futuro* que, em 1902 ainda afirmava acerca do PRP: "os ânimos esfriaram, os entusiasmos arrefeceram, o desdenho inutilizou uns, a inércia apossou-se de outros;

³¹ As Comissões Municipais e Paroquiais Republicanas foram organismos criados sobretudo após o congresso de 1891, poucos dias antes da tentativa de 31 de janeiro. Antes já existiam algumas, mas as principais atividades políticas eram realizadas nos centros republicanos. Barracosa Mendonça referiu a constituição da *Comissão Municipal Republicana de Olhão*, em dezembro de 1890, eleita por cerca de cinquenta correligionários. A seguir ao 31 de janeiro, estas comissões seriam desativadas, apesar de em Silves continuar a haver alguma atividade, mas muito residual. É um facto que os jornais *A Republica Portuguesa* e *O Futuro* não referiram, em 1895, as *Comissões Municipais de Olhão e Silves* indicadas por Barracosa Mendonça, o que pressupõe a sua desativação anteriormente a esta data.

a descrença invadiu o maior número" (*O Futuro*, nº 529, 9/11/1902:1). A partir de 1903, *O Futuro* começou a noticiar a reorganização do partido: "parece que se está trabalhando na reorganização do partido republicano português, insuflando-lhe vida nova" (*O Futuro*, nº 551, 7/6/1903:2). Foi neste arranque que aquele periódico noticiou a adesão de Bernardino Machado em 1/11/1903.

Nesta ordem de ideias, reconstituíram-se as comissões, renasceram os centros, fortaleceu-se a imprensa e os republicanos passaram a atuar como um verdadeiro partido de alternativa ao regime. Esta reorganização do PRP a nível nacional teria expressão no Algarve, na fundação do *Centro Republicano de Tavira*, em 19 de Julho de 1903, na sequência da deslocação a Lisboa em 26/6/1903 de Silvestre Falcão, para conferenciar com o diretório do partido.

A unidade partidária (1906 - 1910)

Só a partir de 1906 se pode falar do renascimento da organização republicana no Algarve onde, de acordo com *O Futuro*, "sob as cinzas de um indiferentismo glacial, parecia estar extinto o fogo vivificador da democracia" (*O Futuro*, nº 7790, 3/10/1907:1). O mesmo periódico deu-nos conta da reunião realizada em Portimão em 25/6/1906, onde estiveram representantes republicanos de 10 concelhos do Algarve. Como demonstrou Barracosa Mendonça, nesta reunião só estiveram ausentes os concelhos mais ruralizados e mais pobres de Aljezur, Castro Marim, Monchique e Vila do Bispo (Mendonça, 2006a:40).

A atividade republicana no Algarve, tal como no país, reanimou-se até 1910 e foram-se sucessivamente reorganizando os centros nas localidades algarvias onde haviam existido na década de 80, aos quais se juntaram o *Centro Escolar Republicano de São Brás de Alportel* (1908) e o *Centro Escolar União de Santo Estêvão* (1910) (Mendonça, 2007:135). A par dos centros republicanos, a partir de 1906, criaram-se as comissões paroquiais republicanas no Algarve. Em 1910 eram 12 (num total de 67 freguesias) distribuídas pelos seguintes Concelhos: Lagos, Olhão, Silves, Loulé, Alcoutim, Albufeira, Portimão, Tavira e Faro. Em 1908, finalmente, existiam comissões municipais republicanas organizadas, em 9 dos 15 concelhos algarvios (Tavira, Olhão, Lagos, Portimão, Faro, Silves, Loulé, Albufeira e Lagoa) (Mendonça, 2007:137-138).

Acima das comissões paroquiais e municipais existia a Comissão Distrital (1908), da qual faziam parte, como efetivos, Estêvão de Vasconcelos, Silvestre Falcão, Zacarias Guerreiro e Moreira Rato (Mendonça, 2007:138). A adesão ao partido deste último "talentoso advogado" ocorreu a 20 de janeiro de 1908 e teve, inclusivamente, honras de divulgação na imprensa de Lisboa, entrando, quase de imediato, para a Comissão Distrital do partido (*Almanach o Mundo*, 1909:7).

Na primeira década do século XX, a votação do PRP cresceu 5 vezes, apesar de todas as irregularidades eleitorais amplamente denunciadas, entre outros,

102:1). A partir de
 arece que se está
 rufiando-lhe vida
 aquele periódico

s, renasceram os
 a atuar como um
 do PRP a nível
 blicano de Tavira,
 em 26/6/1903 de

ária (1906 - 1910)

da organização
 as cinzas de um
 democracia" (O
 conta da reunião
 ntes republicanos
 ça, nesta reunião
 obres de Aljezur,

imou-se até 1910
 lidades algarvias
 o Centro Escolar
 União de Santo
 anos, a partir de
 e. Em 1910 eram
 oncelhos: Lagos,
 Faro. Em 1908,
 las, em 9 dos 15
 Loulé, Albufeira e

omissão Distrital
 ncelos, Silvestre
 8). A adesão ao
 de 1908 e teve,
 ando, quase de
 1909:7).
 cresceu 5 vezes,
 as, entre outros,

pelo jornal *Província do Algarve*. A expressão eleitoral do republicanismo, no entanto, sendo forte em Lisboa e em alguns centros urbanos, era irrelevante no resto do país, onde esbarrava com o analfabetismo. Veja-se o que nos é reportado pelo *Província do Algarve*, "a enorme maioria dos portugueses é constituída por quatro milhões de analfabetos. Estes não são na sua quase totalidade, monárquicos nem republicanos. São por culpa exclusiva dos regimes, e dos seus homens, absolutamente estranhos às coisas políticas de que não fazem a mais rudimentar ideia (...) Do milhão restante, que sabe ler, ainda há quem pouco se interesse pelas coisas públicas" (*Província do Algarve*, nº 67,7/1/1910:1).

A sul, com destaque para o Algarve, onde a influência da igreja era menor, o PRP estava mais implantado do que no Norte do país (Ramos, 2009:586), embora não fosse isso que noticiava o *Província do Algarve*, referindo-se a Tavira, onde constatava, com amargura, a tentativa frustrada de criar uma Liga de Instrução: "de resto, fosse o sr. Aragão, não um estrénuo defensor do ensino, mas um simples associado da Confraria de S. Vicente de Paula (...) apostamos que a Confraria teria pegado e....frutificado. Que Tavira tem bojo para muitas Confrarias, não resta dúvida" (*Província do Algarve*, nº 33,15/5/1909:2). O ativismo dos quadros republicanos não tinha a correspondente adesão da população, em Tavira.

A respeito de tudo isso não deixa de ser um facto que, na véspera da implantação da República, o mesmo jornal regozijava-se com a grande adesão à conferência proferida pelo Dr. Estêvão de Vasconcelos, em Santo Estêvão, com mais de 1000 pessoas: "ao terminar o povo aplaude-o com fervor e toda aquela multidão se retira na melhor ordem, sem dar razão a tamanho aparato bélico naqueles pacatos sítios" (*Província do Algarve* nº 98,30/8/1910:2). O número de participantes fora, igualmente, significativo no comício de Faro de 1906³², onde estiveram presentes personalidades do partido como Brito Camacho, reuniram-se 2000 participantes que se deslocaram de todo o Algarve, ainda que aquém dos 5000 referenciados no comício de Olhão, a 10/11/1884, aquando da vinda do diretório do PRP.

Este facto é tanto ou mais significativo, quanto Santo Estêvão era uma freguesia rural. A curiosidade era, certamente, superior à militância, pois a votação republicana não teve expressão nas eleições municipais de 1 de novembro de 1908, em Tavira (Baptista, 2010:19).

Começava a tornar-se evidente para os republicanos da "geração ativa" a incapacidade da teoria evolucionista, isto é, de chegar ao poder pela via eleitoral, facto certificado pelo *Província do Algarve*, "no Parlamento só entrarão os beatos frequentadores das sacristias e os coios jesuíticos (...)" (*Província do Algarve*, nº 17, 23/1/1909:2). Os partidos monárquicos cerravam fileiras contra o PRP, quer através das leis eleitorais, quer através dos meios fraudulentos, tais como o caciquismo, as

³² Este Comício destinou-se a apoiar Afonso Costa e Alexandre Braga, expulsos do Parlamento.

"chapeladas" e outros truques. Essas fraudes eram denunciadas, de igual modo, pelo *Província do Algarve* que, por esse facto, constatava que eram os partidos da monarquia que empurravam o povo para a revolução, devido à eliminação dos adversários do regime dos recenseamentos; as inscrições de amigos dos caciques nas listas, mesmo ilegais (mortos, ausentes, etc.); as falcatruas na constituição das mesas de voto; as arbitrariedades nas votações, pois votava quem a mesa queria; a caça de votantes de confiança pelos eleiçoeiros; a falsificação das atas; o simulacro de tumultos nas assembleias e prisão da oposição; a compra de eleitores, etc. (*Província do Algarve*, nº 57, 31/10/1909:2).

O *Futuro* dava conta, por seu lado, de diversas fraudes, entre elas, em 1895, em Moncarapacho, onde o início da votação foi retardado por causa da missa e quando aconteceu, já constavam 400 votos na urna; do mesmo modo, em Olhão, sob o pretexto da festa na igreja, mudou-se a assembleia para o armazém do cacique local, Manoel Soares, facto anunciado 3 dias antes, quando a lei obrigava a 7 (*O Futuro*, nº 234,25/12/1895:2).

A República forjada no amor a Camões e no ódio à Inglaterra aproximava-se do poder (Medina, 1990: 21), à luz da doutrina de Comte e da cientificação dos fenómenos sociais apresentava-se como uma inevitabilidade histórica, como constatava o *Província do Algarve*: "a república quando vier – e há de vir fatalmente um dia (...)" (*Província do Algarve*, nº 4 ,24/10/1908:1). De igual modo, *O Futuro* reforçava esta ideia, citando o jornalista brasileiro Quintino Bocayuva "A República há-de ser porque tem de ser" (*O Futuro*, nº 289, 17/1/1897:2).

Face às manigâncias monárquicas que contrariavam a normal evolução que levaria naturalmente à República, só a revolução permitiria repor o curso da História. Veja-se o que afirma a este respeito o *Província do Algarve*: "a revolução virá a seu tempo e até independentemente da vontade dos homens. Descansem" (*Província do Algarve*, nº 19, 6/2/1909:1). Desse modo, não havia dúvida que a Monarquia pertencia "ao passado pré científico do quase absolutismo, do não europeu, do antinacional" (Marques, 1990:371). Esta base científica proposta pelo Positivismo anunciava o fim do regime monárquico, associado ao estado metafísico e conferia credibilidade à mudança aos olhos dos intelectuais (Reis, 1983:120). A República significaria o Estado Positivo de acordo com a Lei dos três Estados de Comte. Tal como atestava o *Província do Algarve*, "a monarquia é um regime condenado" (*Província do Algarve*, nº 25,21/3/1909:1), enquanto com a "inevitável" República anunciava-se o progresso, o futuro, já que era filha da ciência. Veja-se a esse propósito a seguinte afirmação do jornal *Província do Algarve*: "a base fundamental da república dos nossos dias, é filha da ciência, é a liberdade e a tolerância, sob as quais somente têm livre expansão todas as ideias, todas as teorias, todas as doutrinas e escolas e todas as crenças e cultos (...)" (*Província do Algarve*, nº 24, 13/3/1909:1).

s, de igual modo, am os partidos da i eliminação dos igos dos caciques a constituição das a mesa queria; a i atas; o simulacro de eleitores, etc.

s, entre elas, em or causa da missa modo, em Olhão, a o armazém do lo a lei obrigava a

terra aproximava- científicação dos histórica, como i de vir fatalmente il modo, *O Futuro* uva " A República

normal evolução repor o curso da rve: " a revolução ens. Descansem" via dúvida que a olutismo, do não ica proposta pelo estado metafísico leis, 1983:120). A s três Estados de uia é um regime com a "inevitável" ciência. Veja-se a *Algarve*: "a base a liberdade e a ideias, todas as ..)" (*Província do*

No entanto, estas vozes não eram unânimes, pois alguns, mesmo republicanos como João Chagas, mostravam as suas preocupações pela falta de ideias claras acerca do novo regime: "a República é uma construção de que só existe a fachada. Por detrás não há nada" (cit. Lopes, 1947:285).

O *Jornal Província do Algarve*, conhecedor das críticas feitas aos congressos republicanos pela ausência de discussão de ideias, justificava os correligionários desta forma: "têm sido acusados os congressos republicanos pelo facto de não se discutirem ali os mais importantes problemas da administração (...) em que se apresente todo um programa detalhado da futura administração (...) As discussões são feitas a correr e mesmo assim, ficam sempre grande número de questões por tratar" (*Província do Algarve*, nº 33, 15/5/1909:2). Apesar das justificações apresentadas, o *Província do Algarve* teve necessidade de explicar o elevado número de louvores atribuídos nos congressos, quando não havia tempo para discutir o programa. O jornal também se sentia incomodado com isso, quando, como afirmava, eram atribuídos a quem não fazia mais do que o seu trabalho. Os republicanos gostavam de se elogiar! O tempo diria se os 15 minutos que cada congressista dispunha para apresentação de ideias eram o problema. A nós parece-nos que a falta de discussão e de programa não passavam de estratégias para alargar a base social de apoio do futuro regime. Acreditavam que, um dia, implantada a República, a bondade do modelo faria com que as divergências fossem ultrapassadas.

A revolução apresentava-se como a única alternativa para a tomada do poder. Esta linha revolucionária triunfou no congresso republicano de 23 a 25 de abril de 1909, em Setúbal, com alguma oposição. O Algarve enviou 52 representantes: de Tavira foi o representante da Comissão Municipal, o Dr. António Padinha, pelas Comissões Paroquiais, o Sr. João Parreira e em representação do *Província do Algarve* o Dr. Silvestre Falcão, conforme noticiou o *Província do Algarve* (nº 27, 3/4/1909:1).

Havia o sentimento quase generalizado de que a Monarquia era um regime condenado. Esta era, igualmente, a perspectiva de *O Futuro*: "a monarquia existe enquanto os republicanos quiserem e dizer republicanos é o mesmo que dizer o país inteiro" (*O Futuro*, nº 803, 14/6/1908:2). Havia apenas dois anos que *O Futuro* constataria o renascer do PRP no Algarve, "sob as cinzas de um indiferentismo glacial" (*O Futuro*, nº 770, 3/10/1907:1).

O *Província do Algarve*, a um mês da revolução do 5 de outubro, "descobriu" o que o povo realmente reclamava que, necessariamente, a República lhe haveria de trazer, "luz, muita luz, muita ciência e instrução" (*Província do Algarve* nº 99, 7/9/1910:1). Estaria o *Província do Algarve* a referir-se aos mesmos 4 milhões de analfabetos, que amargamente contabilizava, mais os letrados indiferentes que não se interessavam por política?

Considerações finais

Em setembro de 1876, por iniciativa de Roque Faria, diluída no meio de um ímpeto cooperativista, formava-se, em Tavira, uma *Associação Livraria* com *Gabinete de Leitura*, após o fracasso da tentativa de criar um centro republicano. Era o cripto-republicanismo que se afirmava pela determinação de Roque Faria. O apelo do *Centro Republicano de Lisboa* e a estratégia do *Jornal dos Artistas* concretizava-se e o correspondente de Tavira cedia a sua firma, a *RF&C*⁹, para as operações comerciais da nova sociedade, mascarada sob a fachada de uma cooperativa.

O sonho dos dirigentes republicanos de Lagos era diferente dos de Tavira (pelo menos de uma facção fortemente combativa) e não passava pela República Socialista. Eram representantes, sob uma aparente unidade, da facção moderada/evolucionista, para quem a vitória eleitoral era a prioridade. Este mesmo facto pode ser testemunhado pelo nome atribuído ao Clube: *Centro Eleitoral Democrático Lacobrigense*.

Em 1884, os republicanos de Tavira conseguiram, finalmente, a criação de um Centro Republicano, cujo presidente seria o médico Emiliano Parreira, ainda que, como se noticiava em *O Século*, "baixinho por temor às rolhas" (*O Século*, nº 1109,21/8/1884:3). Em fidelidade aos ideais de instrução popular, que vinham desde a *Sociedade Livraria*, mantiveram uma Biblioteca e um Gabinete de Leitura.

Os republicanos algarvios, apesar das divergências ideológicas, conseguiram, na década, de 80, uma estratégia regional, em grande parte alimentada pela sensação de isolamento e abandono a que tinha sido votada a província pelos governos da Monarquia. Lisboa estava ligada a Madrid desde 1866 e a Paris, através do *Sud-Express*, desde 1887, apesar de o comboio só ter chegado a Faro em 1889. O PRP afirmava-se no Algarve como uma frente de descontentes com a Monarquia Constitucional.

O segundo jornal de propaganda republicana no Algarve, *A Província do Algarve*, pretendia servir os propósitos desta estratégia regional. Roque Faria ficaria à sua frente como redator principal e proprietário, cuja publicação tardou dois anos (1886). Não deixou de ser natural esta consideração para com Roque Faria, um republicano histórico, dadas as suas ligações ao livreiro Carrilho Videira e às lutas antigas, em Tavira, pela educação e instrução popular, para além da sua dedicação à causa e capacidade económica.

Acreditamos que o Conselho Provincial do Algarve, conhecendo o carácter polémico de Roque Faria, as inimizades que granjeou ao longo dos anos e o seu alinhamento com a facção radical, quis precaver a unidade do PRP algarvio: publicou as regras de funcionamento de *A Província do Algarve*, no jornal *O Século*, em 1884. De pouco serviram as cautelas dos dirigentes republicanos algarvios, a morte

Considerações finais

la no meio de um
ção *Livraria* com
ntro republicano.
Roque Feria. O
mal dos Artistas
RF&C, para as
achada de uma

nte dos de Tavira
a pela Republica
ade, da façõ
ade. Este mesmo
Centro Eleitoral

nte, a criação de
o Parreira, ainda
as" (*O Século*, nº
ue vinham desde
Leitura.

ias ideológicas,
m grande parte
ra sido votada a
drid desde 1866 e
io só ter chegado
de descontentes

, *A Província do*
oque Feria ficaria
tardou dois anos
Roque Feria, um
Videira e às lutas
da sua dedicação

ecendo o caráter
os anos e o seu
algarvio: publicou
al *O Século*, em
algarvios, a morte

de Emiliano Parreira em 1886 abriu de novo o campo à polémica e *A Província do Algarve* seria encerrado ao cabo de um ano.

Após esse encerramento, foi fundado em Tavira o jornal radical *O Combate* (1887/88), igualmente dirigido por Roque Feria. O encerramento deste último periódico levou-o a sair de Tavira, onde desenvolvia a atividade de comerciante, indo para Olhão fundar *O Porvir*, em colaboração com o correligionário Gustavo Cabrita, fiel aos mesmos ideais, a "República Socialista".

Acreditamos nas palavras de Carrilho Videira, este testemunhou que a sobrevivência dos jornais dirigidos por Roque Feria se deveram à sua generosidade e dedicação à causa, pelo menos enquanto as autoridades o permitiram. Não há dúvida que, para além da dedicação aos ideais republicanos, foi um filantropo. Os Bombeiros de Tavira, de quem foi o primeiro presidente, devem a fundação à sua generosidade. Defendeu a "República Socialista" com uma enorme coerência e tenacidade, o que lhe valeu tanto o reconhecimento como inimizades. Os "grandes" do partido, em Lisboa, não lhe foram indiferentes. A sua facção seria derrotada no Congresso de 1887 e, definitivamente, em 1891, com a publicação do único programa do PRP. Nessa ocasião Roque Feria já tinha morrido, a "República Socialista" fora afastada pelos novos senhores do partido, a "geração ativa".

Gustavo Cabrita, igualmente republicano socialista, era mais moderado na linguagem do que Roque Feria, pelo que não suscitou a perseguição das autoridades. Conseguiu dirigir o único jornal de propaganda, no Algarve, *O Futuro*, por um período de 17 anos. Defendia o federalismo, a revolução, os operários, dava a conhecer as propostas feministas mais arrojadas, mas, enquanto não havia condições para fazer a revolução, transigia com a facção republicana moderada/evolucionista, adepta da via eleitoral. Não tinha o discurso extremista e anticlerical da maioria dos correligionários, era católico (perceptível no final da vida, em especial após a morte do filho que ocorreu no final da década de 90) e utilizava uma discriminação positiva ao referir os padres republicanos. Desconfiava dos anarquistas e não alinhava com a facção dessa nova geração de republicanos oportunistas de 91, que se serviam de alguns para mostrar que na República cabiam todos. Por exemplo, ignorou o popular e conterrâneo Bartolomeu Constantino.

Recorrentemente, mostrava a sua desconfiança em relação aos correligionários de Lagos, como o fizera Roque Feria, que se recusavam, inclusivamente, a comprar o único jornal de propaganda algarvio. Reconhecia-lhes, porém, a capacidade organizativa, numa década de desalento. Enaltecia, em contrapartida, Tomás Biker, representante da esquerda republicana em Lagos.

Todos estes dados permitem-nos concluir que o surto das ideias republicanas no Algarve teve quatro fases: a da introdução, cuja defesa, de forma isolada, foi mais ou menos clara, mais ou menos empenhada, conforme os protagonistas; a da afirmação, de 1882 até 1886, onde se definiu uma estratégia regional, com a colaboração dos elementos do partido de diferentes pontos da

região, num sonho de unidade que não passava de aparência; a fase das divisões e lutas ideológicas, após a morte de Emiliano Parreira em 1886, agravada com a desorientação do PRP a nível nacional, após 1891. Esta era a fase em que pareciam existir dois partidos republicanos algarvios de costas voltadas: o de Sotavento e o do Barlavento. A quarta fase, de 1906 a 1910, em que foi possível reencontrar uma estratégia regional, ainda que atrasada em relação ao PRP nacional, com uma nova elite de republicanos no sotavento, representantes da "geração ativa", cuja prioridade era o assalto ao poder, entre eles, José Pires Padinha, Zacarias Guerreiro, Silvestre Falcão. Se estavam longe os tempos de rebeldia radical de Roque Faria, a dedicação à causa continuava, porém, a ser total. Silvestre Falcão, tal como o fizera Roque Faria, delapidou o património pessoal a favor da "sua" República. Nesta última fase, os republicanos do Algarve já haviam perdido a projecção nacional que haviam tido na década de 80.

Bibliografia

Fontes

CENSO *Relatório sobre o censo da população*, Separata do vol. I, 1890, acessível em www.ine.pt acedido em 24/9/2011.

DIÁRIO DO GOVERNO Diários do Governo; N.º 81 / 13 de Abril de 1907; N.º 136 /21 de Junho de 1907, in *Leis da Imprensa na Monarquia Constitucional*, acessível em <http://hemerotecadigital.cmlisboa.pt/LeisdaImprensa/MonarquiaC.htm>, acedido em 4/9/2011.

QUENTAL, Antero 1982, *Prosas sociopolíticas* (publicadas e apresentadas por Joel Serrão), Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda,

ALMANACH DE O MUNDO, França Borges, Oficinas do jornal "O Mundo", 1907-1913, Lisboa.

ALMANACH REPUBLICANO PARA..., Carrilho Videira, Nova Livraria Internacional, Lisboa.

ALMANACH DO SÉCULO para 1886, Lisboa, Typografia Nacional, 1887

A BATALHA, Almanach de Propaganda Republicana para 1893-94, Ilídio Analide da Costa, Lisboa, Typografia Machado, 1892

A VICTORIA DA REPÚBLICA: Almanach de propaganda democrática, colaboração dos principais escritores do Partido republicano, Lisboa, Typ. de Eduardo Roza, 1885-1894.

O COMBATE, Roque Faria, Tavira (1887-1888)

ECHO DO ALGARVE, José Teixeira Simões e António Corrêa, Lagos (1868-69)

A FOLHA DEMOCRÁTICA, José António Bracklamy, Lagos (1883)

O FUTURO, Gustavo Cabrita, Olhão, (1891-1909)

O HERALDO, João Pedro Sousa, Tavira, (1901-12)

JORNAL DOS ARTISTAS, Gomes Leal, Portimão (1875-1877)

PONTOS NOS II, Rafael Bordalo Pinheiro, Lisboa, (1885-1891)

O PORVIR, Roque Faria e Gustavo Cabrita, Olhão, (1888-1889)

O POVO ALGARVIO, Paulo Madeira, Loulé (1909-12)

A PROVÍNCIA DO ALGARVE, Roque Faria, Tavira (1887 - 88)

PROVÍNCIA DO ALGARVE, Silvestre Falcão, Tavira (1908- 1920)

A REPÚBLICA PORTUGUESA, Tavares Coutinho e Francisco Pacheco, Rio de Janeiro (1895)

O SÉCULO, Magalhães Lima/Silva Graça, Lisboa, (1881- 1889)

Estudos

- BAPTISTA, José Alberto, 2010, "Câmara Republicana de Lagos (1908-1910)", in *Lagos da República*, acessível em <http://lagosdarepublica.wikidot.com/camara-republicana-de-lagos>, acessido em 11/7/2011, pp. 1-19.
- CATROGA, Fernando, 2010, *O Republicanismo em Portugal, da Formação ao 5 de Outubro de 1910*, Lisboa, Casa das Letras.
- FERNANDES, Paulo Jorge Chalante Azevedo, 2007, "O Poder Oculito", Biografia política de Mariano Cirilo de Carvalho, Dissertação de Doutoramento em História Institucional e Política, apresentada à faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- FREITAS, Joana Gaspar, 2011, *Manuel de Arriaga Percurso Intelectual e Político de um Republicano Histórico (1840 -1917)*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República.
- GUERREIRO, Luís, 2010, "Silvestre Falcão, um republicano da geração do *Ultimatum*", Catálogo da Exposição *A 1ª República em Tavira, transformações e continuidades*, Tavira, Museu Municipal, pp. 26-35.
- LEAL, Ernesto de Castro, 2008, *Partidos e Programa, o campo partidário republicano português 1910-1926*, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- MARQUES, A.H. de Oliveira, 1990, *Portugal da Monarquia para a República*, Lisboa, Editorial Presença.
- MEDINA, João, 1990, *Oh! a República!...": estudos sobre o Republicanismo e a Primeira República Portuguesa*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- MENDONÇA, Artur Barracosa, 2006a, "A reorganização do Partido republicano no Algarve" in *Revista História*, nº 89, Ano XXVIII, III série, (setembro) pp. 38-41.
- MENDONÇA, Artur Barracosa, 2006b, "O Partido Republicano em Tavira nos finais da Monarquia Constitucional" in *V Jornadas de História de Tavira*, Tavira, Clube de Tavira, pp. 182-204.
- MENDONÇA, Artur Barracosa, 2007, "Subsídios para a História do Partido Republicano no Algarve", in *13º Congresso do Algarve*, Silves, Raca! Clube, pp. 133-142.
- MENDONÇA, Artur Barracosa, 2010, "A Propaganda Republicana no Algarve até 1910" in *Catálogo da Exposição "O Algarve do reino à Região - Mendes Cabeçadas e a I República no Algarve"*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, pp. 1-12.
- MESQUITA, José Carlos Vilhena, 2010, "A Imprensa Republicana no Algarve", in *Catálogo da Exposição "O Algarve do reino à Região - Mendes Cabeçadas e a I República no Algarve"*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, pp. 1-30.
- OLIVEIRA, A. Paulo Dias, 2011, "O pendor ético do humor de Rafael Bordalo Pinheiro", *Actas do Congresso Internacional de Rafael Bordalo Pinheiro*, (no prelo), pp. 1-21.
- OLIVEIRA, Lopes, 1947, *História da República Portuguesa. A Propaganda na Monarquia Constitucional*, Lisboa, Editorial Inquérito.
- PEREIRA, José Pacheco, 1981, "A origem do movimento operário no Porto: as associações mutualistas (1850-70)" in *Análise Social*, vol. XVII (65), -1.º, pp. 135-151.
- RAMOS, Rui, (coord.), 2009, *História de Portugal*, Lisboa, A Esfera dos Livros.

Estudos

Lagos da República,
edição em 11/7/2011,

de Outubro de 1910,

a política de Mariano
Alfaro, apresentada à

o de um Republicano
o do Centenário da

matum", Catálogo da
Municipal, pp. 26-

ano português 1910-

ca, Lisboa, Editorial

a Primeira República

o Algarve" in Revista

finais da Monarquia
2-204.

icano no Algarve", in

1910" in Catálogo da
no Algarve", Loulé,

e", in Catálogo da
no Algarve", Loulé,

Pinheiro", *Actas do*

da na Monarquia

o: as associações

REIS, António, 1983, "A I República", in José Hermano Saraiva, *História de Portugal*, 6 volumes, Lisboa, Publicações Alfa, volume VI, pp.117-135.

RIBEIRO, Lia Paulo, 2011, *A popularização da Cultura Republicana*, Coimbra, Editora Almedina.

SÁ, Luís, RÊGO, Manuela (Coord., Org. e Pesquisa), 2011, *Imprensa Republicana: da difusão do ideário (1948) ao final da Primeira República (1926)*, (Introdução de Jorge Couto), Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal.